



A IMPORTÂNCIA DAS DISCUSSÕES SOBRE AFEMINAÇÃO E ANTIAFEMINAÇÃO NA GEOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE GAYS AFEMINADOS¹

Charlley Freitas Campos²

<https://orcid.org/0000-0002-6866-8731>

charlley2campos@gmail.com

Universidade Estadual De Ponta Grossa, UEPG, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Alides Baptista Chimin Junior³

<https://orcid.org/0000-0002-7436-390X>

alidesterritorialivre@gmail.com

Universidade Estadual De Ponta Grossa, UEPG, Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Resumo: A produção acadêmica a respeito de gays afeminados ainda é muito incipiente no Brasil, logo, esse artigo busca sintetizar as principais pesquisas produzidas a fim de estabelecer um panorama destas pesquisas e discutir a importância de se analisar as questões que envolvem a afeminação e a anti-afeminação de homens gays afeminados. Como recurso metodológico utilizou-se a pesquisa por palavra chave no periódico CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e no Catálogo de Tese e Dissertações da mesma instituição. Não distante, obtivemos como resultado da pesquisa o total de 39, mas após uma filtragem a fim de detectar artigos repetidos esse número caiu para 34 artigos publicados, sendo: 28 publicações em língua portuguesa, 4 em espanhol e 2 em inglês. Já em relação às teses e dissertações foram encontradas 4 teses e 2 dissertações. Mediante ao que foi pesquisado ficou notório que os homens gays ao se aproximarem de uma performance de gênero mais feminina propicia o aumento da violência sobre seus corpos aumentando o grau de vulnerabilidades destes sujeitos, ou seja, existe uma abjeção ao feminino que inferioriza os mesmos. Por fim foi possível constatar que a afeminação caracteriza-se como uma categoria importante para análise nos estudos com dissidências sexuais e de gênero, acentuando uma diferenciação social, principalmente, interseccionada a classe social e raça/etnia (Belarmino; Dimenstein; Leite, 2024). Merecendo assim um destaque nas pesquisas de gênero e sexualidade na geografia, uma vez que quanto mais feminilidade homens gays performam mais suscetíveis a violência os mesmos ficam.

¹ Pesquisa resultante de projeto de pesquisa de mestrado com financiamento da CAPES-(Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) a partir de bolsa de demanda social.

² Professor de Geografia, Pós-Graduado em Geografia e Desenvolvimento Regional: Natureza, Sociedade e Ensino de Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, bem como é mestrando em Gestão de Território pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. É membro do Grupo de Estudos Territoriais-GETE.

³ Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2005). Mestrado no curso de Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) e do Grupo de Pesquisa Redes de Poder, Migrações e Dinâmicas Territoriais (GEPES). Compõe a Mesa Editorial da Revista Latino Americana de Geografia e Gênero. Atuou no projeto Adolescentes Egressos do Sistema da Universidade Sem Fronteiras. Foi Diretor do Departamento de Planejamento e Orçamento da Prefeitura Municipal de Palmeira-Paraná. Foi professor colaborador do DEGEO na Universidade Estadual de Ponta Grossa, UaB e Prolicen. Concursado como professor efetivo da UNICENTRO no campus de Irati desde abril de 2012. Professor do programa de pós-graduação em Geografia da Unicentro. Professor do programa de pós-graduação em Geografia da UEPG. Um dos coordenadores da Rede de Estudos de Geografia, Gênero e Sexualidades Ibero Latino-americana - REGGSILA.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidades, Revisão de Literatura.

Abstract: Academic literature on effeminate gay men is still in its infancy in Brazil. Therefore, this article seeks to synthesize the main research produced in order to establish an overview of this research and discuss the importance of analyzing the issues involving the effeminacy and anti-effeminacy of effeminate gay men. As a methodological resource, we used a keyword search in the CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel) journal and in the Theses and Dissertations Catalog of the same institution. Not far from it, we obtained a total of 39 articles as a result of the search, but after filtering to detect duplicate articles, this number dropped to 34 published articles: 28 publications in Portuguese, 4 in Spanish, and 2 in English. Regarding theses and dissertations, we found 4 theses and 2 dissertations. Through the research, it became clear that gay men, when approaching a more feminine gender performance, lead to an increase in violence against their bodies, increasing the degree of vulnerability of these subjects, that is, there is an abjection of the feminine that inferiorizes them. Finally, it was possible to verify that effeminacy is characterized as an important category for analysis in studies with sexual and gender dissidence, accentuating a social differentiation, mainly intersected with social class and race/ethnicity (Belarmino; Dimenstein; Leite, 2024). Thus, deserving a highlight in gender and sexuality research in geography, since the more femininity gay men perform, the more susceptible to violence they become.

Keywords: Gender, Sexualities, Literature Review.

INTRODUÇÃO

A masculinidade e feminilidade são conceitos que se produzem e reproduzem a partir de práticas sociais, logo, torna-se passível de análise e crítica. Na sociedade contemporânea podemos observar a existência de masculinidades e feminilidades plurais que se expressam de múltiplas formas no espaço. Nesse sentido, Connell (2013) pontua que dentro dessas múltiplas masculinidades existe uma masculinidade hegemônica que inferioriza as mulheres e outros homens de não se enquadram na normativa heterossexual, principalmente os gays. Nesse sentido, os gays afeminados se localizam à margem da margem, uma vez que sofrem preconceito tanto de homens heterossexual e gays heteronormativos. Para tanto, nesse artigo discutiremos o quanto o campo científico geográfico brasileiro negligenciou e silenciou as discussões de gênero e sexualidades ao longo da sua constituição, em especial, vivências de homens gays afeminados. E como modo de comprovar esse silenciamento foi utilizado a revisão de literatura que mais adiante será melhor detalhada.

Neste sentido, é válido considerarmos as reflexões de Cornejo (2011) que pontua que ser um homem afeminado não está ligado diretamente com o fato de ser gay, ou seja, um homem hetero pode ser afeminado e nem todo gay é afeminado e nesse artigo daremos ênfase nos sujeitos gays afeminados. Isso corrobora com a noção de que com os atos e gestos, homens gays afeminados constroem suas “identidades que, ao mesmo tempo, se criam, se manifestam e se sustentam graças aos significados corporais” (Silva, 2013, p.34). Colocando a ideia de identidade como “instável no tempo e instituída espacialmente por meio de uma



repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo, criando a ilusão de um ser permanente e sexuado”(Silva, 2013, p.34). Não distante, homens gays afeminados são entendidos a partir de suas vivências, sejam elas intencionais ou não, articulando uma série de comportamentos, trejeitos e estilos socialmente relacionados ao universo feminino (Rezende; Cotta, 2015).

Neste sentido, a vivência e as espacialidades destes sujeitos caracterizam-se como um ponto importante de análise, pois é na vida cotidiana que os dissidentes manifestam suas corporeidades. Entende-se como dissidente aquele sujeito que não se enquadra nos moldes da heteronormatividade (Calegari, 2006). Para tanto, Silva; Ornat, Junior Chimin (2019) pontuam como o corpo tem a capacidade de produzir espaços de resistência não hegemônicos. Ou seja, “a corporeidade é energia material que perpassa ações, que produz sentidos de representações e também as vivências”(Silva; Ornat; Junior, 2019, p.68).

Logo, este artigo busca discutir a produção acadêmica produzida sobre gays afeminados e o déficit de pesquisas sobre o tema dentro da geografia. A proposta de analisar a produção científica sobre gays afeminados com foco nas principais temáticas abordadas e suas ausências para o campo da geografia é pertinente, uma vez que sintetizar resultados de pesquisas anteriores é um dos passos para o avanço cumulativo do conhecimento científico. E para a realização da revisão de literatura foi estipulado um recorte temporal do ano 2000 até 2024, o ano 2000 foi estipulado, pois foi a data do primeiro trabalho publicado com a temática.

Não distante, a seção a seguir aborda a apresentação dos procedimentos metodológicos, onde a pesquisa adotará uma abordagem exploratória e descritiva. Em seguida, serão apresentados os resultados e as discussões da pesquisa e por fim, serão apresentadas as considerações finais da pesquisa.

METODOLOGIA

Foi utilizado como metodologia para escrita deste trabalho a pesquisa por palavra chave nos periódicos CAPES e no catálogo de Teses e dissertações da mesma instituição, sendo a palavra chave escolhida: Gays Afeminados. E a busca dos dados foi coletada no mês de outubro de 2024. Não distante, a escolha da palavra chave foi realizada mediante ao nosso objeto de estudo que são os homens gays afeminados.



Logo, ao pesquisarmos a palavra chave “Gays Afeminados” resultou em 39 artigos e após uma filtragem, pois existia artigos repetidos e resenhas de livros o número reduziu para 34 artigos publicados entre os anos 2000-2024, sendo 28 publicações em língua portuguesa, 4 em espanhol e 2 em inglês. Já em relação às teses e dissertações foram encontradas 4 teses e 2 dissertações.

Em seguida foi realizada, uma leitura dinâmica das produções, na leitura dinâmica priorizou-se o entendimento dos resultados das pesquisas e as considerações finais. Logo após realizou-se a descrição dos artigos encontrados nos periódicos e outra referente às teses e dissertações. Adiante discutiremos essas produções e lançaremos considerações sobre o tema pertinentes à geografia.

RESULTADOS

Com base na busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES podemos observar que desde o ano de 2011 observamos uma crescente de pesquisas de Mestrado e Doutorados sobre gays afeminados, contudo nenhuma dessas pesquisas se deu a partir de uma análise geográfica, demonstrando assim uma carência que merece ser suprida.

Neste sentido, Belarmino (2023) expressa que as experiências urbanas de gays afeminados estão impregnadas de violência, discriminação e preconceito, que se traduzem no medo de se deslocar pela cidade. Constatou-se que, seja em espaços públicos ou privados, dentro ou fora da comunidade LGBTQIA+, prevalece a norma cis-hetero-homonormativa. Esta imposição coloca os homossexuais feminizados nos espaços urbanos de forma mais precária, pois escapam às expectativas sociais normativas e às ordens urbanas. Porém, ser gay afeminado não significa passividade diante dessas opressões, do medo de encontrar resistência nas apropriações individuais e coletivas da comunidade LGBTQIA+, do surgimento de contra-usos nas diferentes áreas da cidade que ocupam.

Já Vieira (2023) ao analisar o surgimento do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte pontua que foram encontradas quatro tensões principais: a primeira, ligada à manifestação de gênero, é entre afeminação e amasculação; a segunda, ligada ao foco dado pelos jogadores, é entre festa e futebol. A terceira, ligada ao papel dos times, é entre inclusão e competitividade. A quarta, ligada aos perfis de classe, é entre classe média e periferia. Bhabixas e ManoTauros encontravam-se em posições opostas nesse cenário, desempenhando uma relação de rivalidade. É possível perceber que, através do futebol LGBTQIAPN+, tanto



processos de afeminação, que tensionam o modelo hegemônico de masculinidade, quanto processos de amasculação, que o reforçam, podem ser produzidos. Dessa forma, o futebol enquanto dispositivo permite a manifestação de ambos os modelos. Também pode-se identificar que os jogadores exercem um grande esforço reflexivo para compreender e agir sobre o futebol LGBTQIAPN+ enquanto movimento político.

Não distante, Guimarães (2020) ao analisar as performances e performatividades de homens gays afeminados que se monta de *Drag Queens* evidencia que corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero, como gays afeminados, desenvolvem uma consciência reflexiva devido à resistência produzida diante da imposição da norma heteronormativa, e consequentemente, será fundamental para a vivência da performatividade do gênero em um ambiente repleto de tensionamentos.

Trazendo uma análise fílmica de Madame Satã, Lima (2011) retrata que os sujeitos homossexuais afeminavam-se buscando imitar as mulheres para poder atrair os homens, contemporaneamente, testemunhou-se o surgimento de homossexuais mais masculinos. Esses novos sujeitos visam à conquista de amantes cada vez mais masculinos e consequente promoção de um “gay-homem”.

Oliveira (2017) analisando o ambiente escolar pontua as (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas e como esses corpos são atravessados pela homofobia e racismo na escola, bem como os tensionamentos gerados a partir da dissidência desses sujeitos a norma heteronormativa.

Para Mozer (2019) a afeminação e a antiafeminação estão inseridas no cotidiano de homens gays e bissexuais brasileiros, não obstante, um contexto de desigualdade e hierarquia relacionado às expressões de gênero de homens gays afeminados. Também é feita uma investigação sobre a antiafeminação e a relação com a própria afeminação diante de homofobia internalizada, abertura e importância dada a masculinidade do parceiro. Os resultados demonstraram que uma relação positiva com a afeminação está associada a uma menor homofobia internalizada, menos atitudes negativas sobre afeminação, menor importância dada a masculinidade do parceiro e maior abertura da orientação sexual demonstrando que a afeminação é uma importante categoria de análise para o estudo sobre homens e suas sexualidades no Brasil.

Não distante, quando comparamos a busca do catálogo de teses e dissertações com a busca realizadas nos periódicos encontramos duas publicações na Revista Latino-americana



de Geografia e Gênero (Moura & Nascimento, 2020; Belarmino, Dimenstein & Leite, 2022) que abordam a temática de gays afeminados. Isso mostra uma lacuna nas pesquisas de gênero e sexualidade na geografia, bem como a necessidade de aprofundamento de pesquisas dentro da geografia no que tange as discussões acerca das espacialidades de gays afeminados e as tensões geradas no espaço pelos mesmos.

Pois, para Belarmino *et. al* (2022) jovens gays afeminados, pobres, negros, periféricos experimentam um maior grau de vulnerabilidade quando se encontram na cidade e vivenciam a cidade de uma forma mais negativa e amedrontada, especialmente em espaços públicos. Logo, considerar a perspectiva interseccional e dos marcadores diferença na compreensão da experiência gay urbana coloca-se como imprescindível.

Não distante, Moura e Nascimento (2020) expõem o fato de que pessoas nas quais a sexualidade é perceptível, por causa de comportamentos e a aparência não são valorizadas no mundo do trabalho. Mostrando que as organizações adotam uma política de gestão da diversidade, isso não as exclui de serem as reprodutoras da dominação masculina através de diversas práticas, como a não contratação de homens gays afeminados ou estigmatizar a feminilidade, reforçando padrões heteronormativos.

Carballo-Diéguez *et. al.* (2004) ao analisar a comunidade de homens gays e bissexuais latinos em Nova Iork e os seus papéis sexuais ativo ou passivo no sexo oral e anal, mostrou que os estereótipos de gênero de masculinidade e feminilidade desempenham um papel importante no comportamento sexual desta população. Indivíduos versáteis que eram mais propensos a adotar um papel sexual passivo quando percebem um parceiro sexual como sendo mais masculino do que eles, com base no fato de ele parecer mais agressivo, mais alto, dotado de um pênis maior, mais bonito ou de pele mais escura. Em contraste, os entrevistados mais propensos a assumir um papel ativo quando o parceiro é percebido como mais afeminado, menos agressivo, mais baixo, dotado de um pênis menor, menos bonito ou de cor de pele mais clara. Os autores ponderam que apesar dos estereótipos desempenharem um papel importante deve-se levar em consideração outras questões que perpassam pelos sentimentos individuais dos indivíduos e suas escolhas particulares.

Santiago e Castello (2017) ao desenvolverem uma discussão analítica e crítica acerca da produção da identidade afeminada, a partir de produções audiovisuais contestam o lugar de abjeto destinado aos gays afeminados, retomando-os como potência, questionando, também, o caráter ofensivo que se atribui à feminilidade, bem como o ideal de masculinidade produzido

heteronormatividade.

Cruz e Balisceli (2020) ao analisar a identidade do personagem Eric Effiong, um dos coadjuvantes da série Sex Education (2019) e ancorados nos Estudos das Masculinidades percebem as assimétricas das quais as masculinidades são instituídas evidenciando como personagens dissidentes podem desestabilizar e romper com formas recorrentes e estereotipadas nas representações de indivíduos masculinos, negros, gays e afeminados pontuando a importância de maior representatividade nos filmes e séries.

Santos (2023) pontua que maioria das masculinidades é influenciada de certa maneira pela figura da “bicha” e que existe uma incongruência no fato do gay normatizado, negar a bicha. Há um sentimento simbólico de pertencimento que delimita comportamentos e lugares com base em interpretações religiosas e sociais conservadoras, que regula e controla os corpos, e por vezes perpetuando desigualdades em pessoas que não se enquadram na norma heterossexual, como é o caso da “bicha preta pentecostal”. Não distante, as religiões, inclusive a pentecostal, referendam a heterossexualidade e a branquidade como elementos que garantem uma existência no centro, indicando a margem como o lugar adequado para gays afeminados. Logo, a intercessionalidade ajuda a destacar as fissuras e marcas dessas pessoas que estão à margem da sociedade e que insistem em persistir em seus espaços.

Enguix Grau (2000) expressa que os homossexuais enfrentam diversos estigmas e vulnerabilidades durante o processo de construção de suas identidades e existe uma divisão paradoxal entre as formas de sociabilidade, demonstrando uma dualidade entre o afeminado e o viril.

Pacheco, Clecy & de Freitas (2022) expressam que aos corpos que se afastam da norma heteronormativa, esses estão vulneráveis a violência machista por subverterem as normas tidas como padrões. Para tanto, romper as regras normativas da sexualidade implica punições tais como: exclusões, rechaços e até mesmo à morte, evidenciando um maior grau de violência ao corpo gay afeminado.

Jerez-Farrán (2006), quando analisa a peça teatral “O Público”, revela um aspecto que continua negligenciado: a dinâmica que se estabelece entre a invisibilização dos homossexuais e pontua a reivindicação do direito de amar livremente.

Ferreira e Ferreira (2015) ao analisar os homossexuais afeminados no ambiente escolar pontua que os mesmos violam a ideia padrão de uma possível heteronormatividade. Para os autores, os homossexuais afeminados do Ensino Médio materializam estratégias de

resistência para permanecerem na instituição escolar, pois apesar dos avanços a escola ainda é um ambiente de violência e opressão, sobretudo para gays afeminados.

Brasiliense e Araújo (2020) discutem como são construídas as representações do gênero masculino no site pornográfico Hotboys, e como essas representações contribuem para um processo de afirmação da performance masculina retratando a existência de um padrão reprodutor de estereótipos historicamente construído sobre o papel do masculino a partir de uma matriz cultural heteronormativa que marca diferenciações entre os sujeitos com base em suas performances de gênero.

De Jesus (2017) examina a preferência pelos homens “não-afeminados” em aplicativos de relacionamento gays da cidade do Rio de Janeiro, expondo que os regimes de controle da sexualidade continuam a naturalizar as relações heterossexuais no espaço público e fortalecer estereótipos associados à masculinidade hegemônica.

Mota (2022) ao discorrer sobre a natureza da violência contra o feminino e seus esquemas de reprodução, demonstra que a inferiorização na ordem do gênero recai numa rede de violências contra mulheres, cis e transgênero, travestis, gays afeminados e pessoas não-binaries.

Cunha (2016) realiza uma descrição etnográfica do grupo LGBT da cidade de Belo Horizonte, com enfoque nos “gays afeminados” apresentando um contexto social onde evoca-se mitos que colocam os homossexuais tidos como mais “afeminados” à margem do grupo não-afeminado.

Medel-Bao (2019) define o que entendemos por subjetividade cultural gay e examina a experiência de uma criança homossexual afeminada, construindo uma subjetividade que se baseia na diferença, ou seja, que a transforma em uma alteridade marginal. Não distante, o autor propõe que a partir da utopia queer surja uma forma de desativar o que Michel Foucault chama de “disciplinarização dos corpos” imposta pela biopolítica.

Zerpa (2013) ao analisar os estereótipos gays na cinematografia mundial do período 1970-1999, conclui que na década de 70, existia a predominância do estereótipo dos maricas ou afeminado, do travesti, bem como na década de 80 há uma tendência de representar o gay afeminado como um vilão ou atormentado e essa situação só foi mudar nos anos 90 com os ativistas e o herói Gay HIV positivo.

Da Silva *et.al.* (2023) argumenta que o público LGBTQIA+ dispõe de aplicativos de relacionamentos sendo eles o *Grindr* e o *Tinder* e segundo os autores fica explícito em várias



situações a exclusão violenta de gays afeminados, sendo foco de afeminofobia. Não distante, as violações ficam evidentes segundo os autores em discursos afeminofóbicos praticadas por usuários que destilam preconceito em seus perfis contra membros dos mesmos aplicativos que não correspondem a um padrão hegemônico preestabelecido. Para tanto, tais violações agredem o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, uma vez que são marcadas por discursos de ódio e exclusão desses indivíduos.

Colling, Arruda e Nonato (2019) traçam pesquisas sobre gays fechativos e/ou afeminados localizados em Salvador, bem como tecem uma crítica a Butler ao pontuar que a mesma não distinguiu entre performance e performatividade, para tanto, os autores pontuam que perfechatividade seria a capacidade gays afeminados gerarem fissuras na binaridade de gênero ao transitarem nos ambientes da cidade.

Jimenez e Adorno (2009) trazem questionamentos de como são construídos e validados os discursos acerca de sexualidade, gênero e identidade sexual, lançando percepções acerca da homossexualidade como parte da infância de três travestis, contudo as transformações realizadas sobre o corpo decorrentes da travestilidade, e a construção de uma identidade sexual (gay ou travesti), apareceram como instâncias dissociadas entre si e relacionadas à busca da valorização pessoal e social diante do estigma atribuído ao gay afeminado, pobre e migrante.

Da Luz Olegário & Júnior (2023) abordam como são forjadas as experiências de masculinidades de jovens gays afeminados durante o Ensino Médio. Neste sentido, os autores identificaram a presença de várias paráfrases no discurso das matrizes heterossexuais e masculinas, mediadas pela memória afetiva, em que os estudantes, jovens, gays e afeminados precisam incorporar as suas existências e práticas escolares.

De Oliveira (2018) analisa as experiências de gays afeminados, viados e bichas pretas na escola, procurando identificar os elementos que incidem nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem à norma cis heterossexual através de suas narrativas foi possível pautar o vocábulo “preto/a” como categoria de análise

De Miranda Ramos *et al.* (2021) expressam que os homens gays e bissexuais afeminados são alvo de dupla estigmatização devido à antiafeminação e à homofobia da sociedade, mesmo entre a comunidade não heterossexual. Além disso, para os autores estabeleceu-se uma relação indireta com a abertura da orientação sexual, que ocorre por meio da homofobia internalizada.

Miranda (2013) faz uma análise a partir da literatura de Marcelino Freire, que retrata os excluídos que estão à margem da literatura, destacando o homossexual masculino em suas configurações de gays afetados, afeminados, travestis e bichas demonstrando os silenciamentos acerca da diversidade sexual na literatura.

Lopes (2017) questiona a ideia de que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e devem se comportar de acordo com uma concepção binária de gêneros, na qual as mulheres são “femininas” e os homens, “masculinos”. Retratando que gays afeminados por não se enquadram nos padrões da heteronormatividade masculina, são alvo preferencial do preconceito, sofrem mais violência homofóbica e são discriminados inclusive por outros homossexuais. Lopes, também questiona a raiz dos desejos e preferências sexuais, desmistificando a ideia de que a rejeição contra homens considerados ‘femininos’ seja simplesmente uma questão de gosto pessoal. Por causa da relação que culturalmente se faz entre ser mulher e feminina (a condição feminina considerada como algo inferior e indesejável) e ser homem e masculino (a masculinidade vista como uma característica de força e superioridade), a hierarquização desses papéis sociais traz privilégios para os homens, sobretudo aqueles que se encaixam nos padrões preestabelecidos pela heteronormatividade cis.

Moura e Nascimento (2021) discutem que o sujeito *gay* é alvo de preconceito e de situações que o colocam em posição de constrangimento e vulnerabilidade, sobretudo nos ambientes de trabalho. Os autores concluem, que o sujeito com traços considerados afeminados é compreendido como alguém menos capaz para o trabalho. Ademais, a masculinidade é vista como um agente distintivo importante para inserção do indivíduo no ambiente organizacional.

Belarmino, Dimenstein e Leite (2024) retratam como a experiência urbana gay afeminada, possibilita uma análise de sexualidade/gênero complexa nos espaços da cidade que está envolta a um processo de intensificação de vulnerabilidades psicossociais. Os autores constataram a partir da pesquisa que o espaço urbano como um ambiente heteronormativo é violento às performances afeminadas. Não distante, na pandemia, as relações de opressão nas famílias se intensificaram para gays afeminados, confirmando que afeminação funciona como vetor de vulnerabilização psicossocial, um marcador social que imprime particularidades às vivências subjetivas e à sua experiência urbana, marcadas pelo medo e sofrimento.



Belarmino, Dimenstein e Leite (2022) discutem as vulnerabilidades prévias e sofrimentos crônicos relativos a preconceito, homofobia e discriminação marcam o cotidiano de gays. Os dados apresentados pelos autores indicam que existe uma relação entre os marcadores sociais como raça, renda, escolaridade, bem como moradia, desigualdades no acesso e circulação na cidade e, particularmente, ser gay afeminado no que tange o sofrimento psíquico.

Belarmino Dimenstein e Leite (2023) expressão que no Brasil, a afeminação é o principal marcador usado para identificar a homossexualidade masculina, contudo os estudos de gênero/sexualidade não tomam a afeminação e os elementos a ela associados como uma categoria analítica decisiva, sobretudo no recorte das experiências urbanas. Os resultados apontam para a relevância da compreensão interseccional dos marcadores da diferença, visto que ser negro, pobre, jovem e periférico funcionam como vetores da precarização da experiência urbana de homens gays afeminados, fazendo-os enxergar a cidade de forma temerosa e violenta. Contudo, os movimentos micropolíticos individuais e coletivos de autoafirmação, confronto e desobediência normativa sobre as expectativas de gênero e sexualidade abrem novas possibilidades de existência na cidade.

Belarmino, Dimenstein e Leite (2022) investigam a incidência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre gays e no intragrupo que se autoidentificam como afeminados, durante o período pandêmico. Neste sentido, os autores argumentam que existe uma heterogeneidade nos modos de sofrimento mental entre homens gays durante a pandemia, uma vez que marcadores sociais como raça, renda, escolaridade, local de moradia e ser gay afeminado foram determinantes para o adoecimento mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, contribui para a síntese de pesquisas acerca de gays afeminados no contexto brasileiro, e evidencia que a geografia de gênero e sexualidades negligenciou as questões de afeminização de homens gays.

Também, é válido frisarmos que a afeminação caracteriza-se como uma categoria importante para análise nos estudos com dissidências sexuais e de gênero, acentuando uma diferenciação social, principalmente, interseccionada a classe social e raça/etnia (Belarmino; Dimenstein; Leite, 2024). Merecendo assim um destaque nas pesquisas de gênero e sexualidade na geografia, uma vez que quanto mais feminilidade homens gays performam mais suscetíveis a violência os mesmos ficam.



Logo, a geografia tem como possibilidade investigativa de aprofundamento a partir das espacialidades deste gays afeminados, bem como as territorialidades produzidas pelos mesmos a fim de preencher essas lacunas deixadas pelo campo científico.

REFERÊNCIAS

- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. F. (2022). Transtornos mentais comuns entre gays: evidenciando vulnerabilidades na pandemia da Covid-19. *Revista Polis e Psique*, 12(3), 173-194. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.116109>
- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. F. (2022). Cidade, sociabilidade gay e afeminação: uma experiência interseccional. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 13(2), 100-120. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.13.i2.0006>
- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. (2022). Saúde Mental de Homens Gays na Pandemia. *Revista Psicologia e Saúde*, 14(4), 153-166. : <https://doi.org/10.20435/pssa.v14i4.2075>
- Belarmino, V. H., (2023). As experiências urbanas de homens gays afeminados na cidade do Natal. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/52198>
- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. F. (2023). Experiência urbana gay afeminada e modos de resistência na cidade contemporânea. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (31). <https://doi.org/10.4000/pontourbe.15016>
- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. F. (2024). Cotidiano e a experiência urbana gay: afeminação como categoria analítica. *Revista Estudos Feministas*, 32(2), e89631. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2024v32n289631>
- Brasiliense, D. R., & Araújo, V. A. (2020). As representações do masculino nas páginas pornográficas do site Hotboys. *Lumina*, 14(3), 130-148. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2020.v14.26116>
- Calegari, L. C. (2006). A mulher no Cinema Brasileiro e a tentativa de afastamento da heteronormatividade: uma leitura de Dona Flor e seus dois maridos. *Literatura e Autoritarismo*, (7). <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16220868007>
- Carballo-Diéguez, A., Dolezal, C., Nieves, L., Díaz, F., Decena, C., & Balan, I. (2004). Looking for a tall, dark, macho man... sexual-role behaviour variations in Latino gay and bisexual men. *Culture, Health & Sexuality*, 6(2), 159-171. <https://doi.org/10.1080/13691050310001619662>
- Colling, L., Arruda, M. S., & Nonato, M. N. (2019). Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *cadernos pagu*, e195702. <https://doi.org/10.1590/18094449201900570002>
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.
- Cornejo, G. (2011). La guerra declarada contra el niño afeminado: Una autoetnografía “queer”. *Íconos - Revista De Ciencias Sociales*, (39), 79-95. <https://doi.org/10.17141/iconos.39.2011.747>



CRUZ, A. G. S. D., & Baliscei, J. P. (2020). “Não é uma fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019). *Revista Crítica Histórica*, 11(22), 100-130.

Cunha, J. R. A. L. (2016). A reprodução do comportamento social heteronormativo dentro do meio homossexual: a marginalização dos LGBT com foco nos gays" afeminados". *Percursos*, 2(1).

Da Luz Olegário, M., & Júnior, K. N. M. (2023). De casa para a escola: itinerários existenciais e as experiências escolares de jovens gays estudantes do ensino médio. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 16(9), 17344-17363. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.9-210>

Da Silva, J. C., Santos Pereira, J. D. ., & Macedo Teles de Pontes, N. L. . (2023). “Não sou, nem curto afeminados”: violação de direitos, masculinidades e afeminofobia na construção identitária dos gays afeminados em aplicativos de relacionamento. *Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura*, 4(13), 249–274. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.13.10810>

De Jesus, D. S. V. (2017). ‘Só macho na encolha’: a heteronormatividade em aplicativos de redes geossociais gays em territórios criativos do Rio de Janeiro. *Revista Ártemis*, 23(1).

De Miranda Ramos, M., de Almeida-Segundo, D. S., de Lara Machado, W., & Cerqueira-Santos, E. (2021). Modelo Relacional da Antiafeminação em Homens Não-heterossexuais: Estudo Exploratório. *SUBJETIVIDADES*.

De Oliveira, M. R. G. (2018). Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!. *Revista Periódicus*, 1(9), 161-191. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25762>

Enguix Grau, B. (2000). Sexualidad e identidades. Identidades homosexuales. *Gazeta de Antropologia* <http://dx.doi.org/10.30827/Digibug.7498>

Ferreira, C. C., & Ferreira, S. P. A. (2015). Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: Estratégias de resistência e permanência. *Revista Tópicos Educacionais*, 21(2), 103-138. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672770871007>

Guimarães, A. F. P.(2020)Performances e performatividades de gênero por corpos dissidentes: um estudo sobre trajetórias de gays afeminados que atuam como drag-queens. https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/anderson_fontes_tese.pdf

Jerez-Farrán, C. (2006). García Lorca, el espectáculo de la inversión sexual y la reconstitución del yo. *Bulletin of Spanish Studies*, 83(5), 669-693. <https://doi.org/10.1080/14753820612331392992>

Jimenez, L., & Adorno, R. C. (2009). O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. *Cadernos pagu*, 343-367. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332009000200013>

Lima, A. R. P. (2011). Interfaces de um retrato: identidade e representações do gay/homem em Madame Satã. <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4132>

Lopes, O. G. (2017). Gays afeminados ou a poluição homoerótica. *Revista Periódicus*, 1(7), 405-422. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>



- Medel-Bao, J. (2019). Cuerpos protohomosexuales afeminados: subjetividades culturales gays en construcción. La traición de Rita Hayworth de Manuel Puig. *Anclajes*, 23(3), 11-22. <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.19137/anclajes-2019-2332>
- Miranda, O. C. (2013). Personagens queer nos contos de Marcelino Freire. *Revista Fórum Identidades* <https://ufs.emnuvens.com.br/forumidentidades/issue/view/179>
- Mota, E. A. (2022). Sereias do asfalto, bonecas e outras bichas: apontamentos sobre cenas transviadas e violências de gênero no Brasil. *methaodos. revista de ciencias sociales*, 10(1), 102-117. <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/601964>
- Moura, R. G., & Nascimento, R. P. (2020). A Dominação Masculina e a Gestão da Diversidade: Um Estudo com Sujeitos Gays Residentes no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, 11(2), 30-56.
- Moura, R. G. D., & Nascimento, R. P. (2021). O gay afeminado nas organizações: uma tensão permanente com padrões heteronormativos. *Revista Estudos Feministas*, 29, e 65840. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n165840>
- Oliveira, M. R. G. (2017). *O diabo em forma de gente:(r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*.
- Pacheco, B., Clecy, A., & de Freitas, R. O. (2022). FEMINILIDADES EM CORPOS LIDOS COMO MASCULINOS E FEMININOS: PENSANDO O CORPO A PARTIR DOS GESTOS. *fólio-Revista de Letras*, 14(1). <https://doi.org/10.22481/folio.v14i1.10748>
- Rezende, R., & Cotta, D. (2015). " NÃO CURTO AFEMINADO": HOMOFOBIA E MISOGINIA EM REDES GEOSOCIAIS HOMOAFETIVAS E OS NOVOS USOS DA CIDADE. *Contemporanea: Revista de Comunicação e Cultura*, 13(2).
- Santos, Á. A. (2023). " A BICHA PRETA PENTECOSTAL INCOMODA!": UMA FALA SOBRE GÊNERO, RAÇA E RELIGIÃO. *Revista Contemporânea*, 3(9), 15463-15480. <https://doi.org/10.56083/RCV3N9-106>
- Santiago, A. C., Castello, N. F. V., & Rodrigues, A. (2017). BICHAS DESTRUIDORAS MESMO: CONSTRUINDO UMA VIADA BEM AFEMINADA. *Periferia*, 9(2), 156–180. <https://doi.org/10.12957/periferia.2017.29360>
- SILVA, J. M. (2013). Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. *Maneiras de ler: geografia e cultura*. Porto Alegre: Imprensa Livre/Compasso Lugar Cultura, 28-36.
- Silva, J. M., Ornat, M. J., & Chimin Junior, A. B. (2019). O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada. *Caderno Prudentino de Geografia*, 3(41), 63-77. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6404>
- Vieira, V. H. (2023). O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/251591>
- Zerpa, J. A. P. (2013). Estereotipos de hombres homosexuales en la gran pantalla (1970-1999). *Razón y palabra*, (85). <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199531506003>